



## Artigos/Articles

### **Raizeiras: a força do Cerrado está na raiz ou pensamentos com chá de Canela de Perdiz**

*Root workers: the strength of the Cerrado lies at its roots  
or thoughts with Canela de Perdiz tea*

Mayra Nascimento Fonseca<sup>1</sup>

## RESUMO

O texto aborda pensamentos iniciais de pesquisa de doutorado em Antropologia Social, desenvolvida com as raizeiras do Cerrado, ou seja, com pessoas que são parte da comunidade tradicional popularmente conhecida pelo preparo de *remédios caseiros* a partir das plantas do bioma. O relato apresenta uma reflexão preliminar sobre a centralidade do manejo das raízes na relação entre as raizeiras e o Cerrado e, nessa medida, na denominação da sua identidade. Esta peça apoia-se em falas de raizeiras interlocutoras da pesquisa, em vivências familiares, em memórias pessoais e no pensamento da Elizabeth Povinelli, para propor que o conhecimento das raizeiras demonstra uma “habilidade interpretativa” (Povinelli, 2023) com relação ao Cerrado e que essa habilidade fundamenta a relação de respeito e corresponsabilidade entre elas e o bioma.

**Palavras-Chave:** raizeiras, Cerrado, identidade, habilidade interpretativa, Elizabeth Povinelli.

## ABSTRACT

*The current piece addresses initial thoughts from my doctoral research in Social Anthropology conducted with the root workers of the Brazilian biome known as the Cerrado. The mentioned root workers are individuals from a Brazilian traditional community popularly known for preparing homemade medicines combining various local plants. The text presents a preliminary reflection on the centrality of roots management in the relation between the root workers and the*

<sup>1</sup> Universidade de Brasília (UnB), Brasília, DF, Brasil. ORCID: <https://orcid.org/0009-0001-8347-5727>. E-mail: [maynfonseca@gmail.com](mailto:maynfonseca@gmail.com).

*Brazilian Cerrado biome. To that extent, roots management is also perceived as crucial to understanding the identity designation officially claimed by them: Raizeiras do Cerrado. Drawing on statements from interlocutors, family experiences and personal memories, along with insights shared by the professor Elizabeth Povinelli, the writing proposes that knowledge of the roots workers demonstrates an “interpretive skill” (Povinelli, 2023) in relation to the Cerrado. This understanding underlies the important relation of respect and co-responsibility between them and the biome.*

**I Keywords:** *root workers, Cerrado, identity, interpretive skill, Elizabeth Povinelli.*

**Figura 1 - Canela de Perdiz**



Fonte: Desenho feito por minha mãe<sup>2</sup>.

Aprendi com as raizeiras do Cerrado a iniciar reflexões e atividades pensando em/com uma planta companheira, ou seja, aquela que me fortalece, no momento, porque perto dela me sinto bem. Suponho que, assim, as plantas me ensinam a “vegetar o pensamento” (Oliveira *et al.*, 2020), a engajar-me com aquilo que me circunda ou, como é a intenção principal desta peça, a criar raízes e a lançar sementes.

Por isso, aciono a Canela de Perdiz para este relato, cujo nome científico é *Croton antisiphiliticus* e conhecida popularmente como Pé de Perdiz ou Minuano. Essa planta apresenta o formato de uma moita de 30 a 40 cm, tem seu

<sup>2</sup> Para retomar as memórias de minha família, como parte da minha pesquisa de doutorado, minha mãe e meu pai estão realizando atividades comigo que consistem em desenhar, escrever, conversar, enviar fotos e áudios sobre plantas do Cerrado e seus usos para cuidados e curas. Para preservar a identidade dos meus pais, não menciono os nomes deles.

uso medicinal, principalmente, como anti-inflamatório, para tratar infecções e reumatismo, como depurativo do sangue e é cada vez mais difícil encontrá-la em abundância no bioma (Dias, 2009). Segundo as minhas interlocutoras, a escassez dessa planta ocorre em decorrência das crises ambientais relacionadas às mudanças climáticas.

Raizeiras do Cerrado são aquelas mulheres popularmente conhecidas pelo preparo de *remédios*<sup>3</sup> *caseiros*<sup>4</sup> a partir de seus conhecimentos sobre as plantas do Cerrado e os seus usos terapêuticos. Mas, para muito além disso, as raizeiras fazem parte de um grupo reconhecido, pelo estado brasileiro, como povos e comunidades tradicionais com direitos consuetudinários (D'Almeida, 2018), ou seja, direitos que se baseiam em valores e cosmovisões transmitidas, continuamente, entre as gerações de uma mesma família (Dias *et al.*, 2014).

Em seu entorno imediato, as raizeiras são lideranças locais que atuam nas casas, nas escolas, nas feiras, nos espaços religiosos, nos serviços públicos de saúde e ambientais; são tradutoras de processos de saúde-adoecimento, conectam conhecimentos nomeados como tradicionais e os hegemônicos, aproximam centros urbanos e rurais (Guimarães *et al.*, 2023). Reunindo famílias, vizinhanças, professoras, líderes religiosos e outros atores do território, elas constroem relações sustentáveis e prósperas produzindo o “bem viver” (Acosta, 2016) nas comunidades onde atuam.

Voltando aos objetivos deste texto, escrevo em companhia da Canela de Perdiz e animada pelas discussões apresentadas no Seminário sobre Linguagem, Sociedade e Cultura<sup>5</sup>, conduzido pela professora Elizabeth Povinelli, no primeiro semestre de 2024. E reflito sobre a denominação de identidade raizeiras do Cerrado e sobre o que essa expressão revela da relação raizeiras-Cerrado. Tal reflexão é central para a minha pesquisa de doutorado em Antropologia Social a ser desenvolvida nos próximos anos, na Universidade de Brasília. Na investigação, e lembrando que os saberes tradicionais e científicos são ambos modos legítimos de entender o mundo (Carneiro da Cunha, 2009), pretendo tensionar, resgatar e ampliar o que se entende por “ciência” (Stengers, 2002) e medicina, em busca de possibilidades intelectuais que elaborem o conhecimento das raizeiras, de forma considerada mais honesta e justa pelas mesmas.

Além das referências bibliográficas apresentadas ao final desta peça, aqui eu me apoio em conversas com os meus pais, em memórias da minha família e em pensamentos das interlocutoras Lucely Pio e Tantina<sup>6</sup>,

<sup>3</sup> As palavras e expressões em itálico são referentes a categorias êmicas, utilizadas pelas interlocutoras de minha pesquisa. As palavras e expressões entre aspas são categorias analíticas apresentadas por autores indicados nas referências deste trabalho.

<sup>4</sup> *Remédios caseiros* é o nome dado às receitas feitas e comercializadas por raizeiras. Pomadas, tinturas e garrafadas são alguns exemplos.

<sup>5</sup> O Seminário sobre Linguagem, Sociedade e Cultura foi realizado na cidade de Goiânia, na Universidade Federal de Goiás (UFG), em abril de 2024.

<sup>6</sup> Seu nome completo é Aparecida Ana de Arruda Vieira.

apresentados para mim no 7º Encontro Raízes<sup>7</sup> e em diversos outros momentos de interação ao longo de 2024.

Lucely Pio e Tantina são “mestras” (Carvalho *et al.*, 2020) reconhecidas por universidades brasileiras e fazem parte da Articulação Pacari, uma rede socioambiental, formada, em 1999, por organizações comunitárias e pessoas que praticam a "medicina tradicional" (D’Almeida, 2018), através do uso sustentável da biodiversidade do Cerrado. Lucely Pio é quilombola da comunidade do Cedro, no município de Mineiros, Goiás, onde é uma das responsáveis pelo Centro de Plantas Medicinais do Cedro. Além de raizeira, Lucely é fitoterapeuta, terapeuta holística, tem contribuições relevantes em textos e publicações, como a “Farmacopeia Popular do Cerrado” (Dias *et al.*, 2009), e integra a representação brasileira junto ao Mecanismo de Doação Dedicado a Povos Indígenas e Comunidades Locais (DGM Global). Ana de Arruda Vieira, Tantina, também é autora de diversas publicações, é professora na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e se dedica, desde 1994, ao Ervanário São Francisco de Assis, em Sabará, no interior do estado de Minas Gerais.

A Articulação Pacari é a entidade autora de algumas reivindicações sociais, entre elas o pedido em tramitação de registro do ofício de raizeiras e raizeiros do Cerrado como Patrimônio Cultural Imaterial do Brasil. O pedido destaca a relevância do conhecimento das raizeiras, já que ele conecta diretamente pautas prioritárias globais, como a relação da saúde coletiva com a conservação da natureza. Nesse processo, algumas raizeiras reforçam um incômodo: elas entendem que as categorias popular e tradicional, entre outras, são insuficientes para denominar e qualificar o conhecimento delas e, conseqüentemente, para apoiar a reivindicação de seus direitos. Em diálogo com Povinelli (2023), compreendo que as raizeiras se incomodam, porque as suas “analíticas” são transformadas em crenças culturais tradicionais e que a veracidade de tais “analíticas” é avaliada sem considerar o seu potencial conceitual e intelectual.

Como alternativa às categorias popular e tradicional, algumas das minhas interlocutoras denominam seu conhecimento como *medicina ancestral* ou *medicina do Cerrado*. Nesse sentido, definem a *medicina do Cerrado*, como aquela "feita por antepassados, pelas mulheres da família" e aprendidas também com todos os seres do bioma, com indígenas e com outras pessoas representantes dos povos e comunidades tradicionais do Cerrado. Partindo dessa noção proposta pelas raizeiras, o Cerrado é um agente de conhecimentos (Guimarães *et al.*, 2023), e a sua *medicina* é fruto da "sociabilidade mais que

---

<sup>7</sup> Raízes é o grande encontro de raizeiros, parteiras, benzedeiros e pajés que acontece anualmente na Chapada dos Veadeiros, em Goiás. Com a programação formada por oficinas, saídas de campo, palestras e outras atividades, o 7º Encontro Raízes aconteceu na vila de São Jorge e na cidade de Alto Paraíso, no mês de maio de 2024. Na ocasião, participei da oficina sobre saúde das mulheres, ministrada pelas raizeiras Lucely Pio e Tantina.

humana" (Tsing, 2019) entre as “mestras” e o bioma, já que nenhuma espécie atua sozinha (Haraway, 2016).

Dessa forma, nas estratégias terapêuticas da *medicina do Cerrado*, o tratamento não está centrado em um princípio ativo existente em plantas que pode ser isolado em laboratório, mas em uma planta concreta, em um espaço-tempo singular (Carvalho *et al.*, 2020). Do mesmo modo que outros povos tradicionais, as raizeiras interlocutoras são guardiãs da “memória biocultural” (Toledo *et al.*, 2015) do Cerrado, que é transmitida por meio do ofício de sua *medicina ancestral*. Dito de outra forma, as “mestras” são detentoras de conhecimentos que operam em escalas culturais, comunitárias, domésticas, individuais e regionais, ou seja, em um território histórico com a sua “natureza culturizada” (Toledo *et al.*, 2015).

Além do pedido de registro do ofício como patrimônio cultural imaterial do Brasil, percebo que algumas interlocutoras relatam uma demanda linguística na reivindicação da denominação de raizeiras para identificá-las e assim descartam, por exemplo, as denominações curandeiras e erveiras. Isso evidencia a relação entre as estratégias terapêuticas das raizeiras com o seu “sistema conceitual próprio” (Nathan, 2018), que existe a partir do seu cotidiano e modo de vida, baseado em práticas socioprodutivas para autoconsumo e geração de renda (Aguiar, 2020).

Nesse sentido, e segundo as interlocutoras da minha pesquisa, curandeiras é uma denominação genérica que abrange diversos conhecimentos e práticas, enquanto erveiras é um nome muito específico com foco em um tipo de plantas (as ervas) e em uma parte delimitada dessas plantas (as folhas). Nas denominações curandeiras e erveiras, talvez porque as raízes do Cerrado sintam “ciúmes”<sup>8</sup> (Povinelli, 2023), interpreto que as raizeiras da Pacari sentem falta da centralidade das raízes na sua relação com o Cerrado.

Nessa medida, penso que se relacionar com o Cerrado é se relacionar com as suas raízes profundas que podem passar de 50 metros abaixo do solo, já que 70% da biomassa desse bioma que existe há 65 bilhões de anos e é considerado o mais antigo do país está concentrada dentro da terra (Pires, 2019). A especificidade territorial do Cerrado também está presente na fala das minhas interlocutoras, como a seguir.

Em alguns lugares, mesmo no Brasil, a gente vê a palavra erveira. Mas eu gosto muito do termo raizeira porque a gente não usa só as ervas, se for falar erveira a gente tá dizendo só das folhas das ervas... Quando você fala raizeira é porque você usa a planta no todo, desde casca, raízes e semente (Tantinha<sup>9</sup>, 2024).

<sup>8</sup> No sentido de Povinelli (2023: 103), o ciúme é efeito da negligência ou descuido, algo que se dá quando uma existência vira as costas para o que traz dentro de si ou para outra existência com a qual tem uma relação de interdependência.

<sup>9</sup> Os trechos das citações de Tantinha aqui apresentadas fazem parte de um conjunto de mensagens que trocamos por telefone, nos dias do Seminário sobre Linguagem, Sociedade e Cultura quando, juntas, pensávamos na palavra/denominação raizeiras.



Como Tatinha mencionou no trecho acima, a palavra raizeiras muitas vezes não apresenta uma tradução ou sinônimo amplamente conhecido em outros territórios e biomas, sendo comumente substituída por termos como “especialista de ervas naturais”, “erveiras” ou “ervateiras” (D’Almeida, 2018) que, como já falado aqui, não são reconhecidos por algumas das minhas interlocutoras. Em conformidade com a fala de Tatinha, as pesquisas de Martin Ibañez-Novion (Fleischer *et al.*, 2012) sobre os profissionais da saúde de formação tradicional no Norte e Noroeste de Minas Gerais, zona de transição entre os biomas Cerrado e Caatinga, apontam que “raízes” é um termo que, nesse contexto, é utilizado para designar cascas, ramos, pedaços de troncos, sementes, frutos e raízes.

As publicações do antropólogo Ibañez-Novion (Fleischer *et al.*, 2012) também descrevem, nas décadas de 1970 e 1980, diferentes categorias de pessoas raizeiras na região, a seguir. Segundo o autor (Fleischer *et al.*, 2012), o “raizeiro farmacêutico” é aquele que tem o “saber especializado” sobre a coleta de “raízes”, suas funções terapêuticas e sua manipulação, ainda que nem sempre receite seu uso. Por sua vez, o “raizeiro fornecedor” é quem comercializa as “raízes” com uma vaga noção sobre sua utilidade terapêutica, sendo um conhecimento muito próximo ao dos seus fregueses leigos (Fleischer *et al.*, 2012). Por fim, “raizeiro médico” é a pessoa que prepara um ou mais tipos de *remédios caseiros*, tem conhecimento farmacológico e terapêutico, dá consultas, como também prescreve remédios à base de raízes. O trabalho do estudioso aponta ainda que o nome popular raizeiro é mais comumente associado ao “raizeiro médico”.

Sobre a origem dos termos raizeiro e raizeira, enquanto no português de Portugal a palavra raizeiras é usada com o significado de emaranhado de raízes (Dias *et al.*, 2020), essa é uma categoria identitária considerada recente no Brasil, difundida no século XIX e no contexto de comunidades rurais e quilombolas (D’Almeida, 2018). O período e contexto de difusão da palavra no Brasil me recordaram o “pretuguês” de Lélia Gonzalez (2018) enquanto a marca da africanização do português falado no Brasil, sendo uma das formas usadas pelas “mães-pretas” para transmitir os conhecimentos africanos e afro-brasileiros. Com isso, reflito que a palavra raizeiras, assim como a identidade raizeiras, pode estar carregada de conhecimentos, valores e relações “amefricanas” (Gonzalez, 2018).

Refletindo sobre a possibilidade da denominação raizeiras estar conectada com conhecimentos “amefricanos” (Gonzalez, 2018), retomo os trabalhos realizados por Zora Hurston (2021) com comunidades negras, na primeira metade do século XX, nos Estados Unidos, Haiti e Jamaica. Nessas pesquisas, a antropóloga estadunidense ressalta a relevância do papel social de

“*root workers*” ou “doutoras raiz<sup>10</sup>” (Hurston, 2021) e menciona que o conhecimento delas tem grande importância porque “realizam a cura onde o médico comum falha” e conhecem “venenos” do território “que não estão listados na farmacopéia oficial” (Hurston, 2021: 85). Nesse sentido, pensar o conhecimento das raizeiras significa refletir sobre a relação delas com o seu território.

Diante disso, recupero uma breve situação que vivi para me ajudar nessa reflexão sobre a centralidade das raízes na relação das raizeiras com o seu território, o Cerrado. Essa história se iniciou há muitas gerações da minha família, mas vou começá-la aqui por uma de minhas avós. Rosa, mãe de meu pai, tinha como companheiras as mais bonitas roseiras e babosas que já conheci.

Há meses atrás, meus pais, norte-mineiros como eu, vieram me visitar na chácara onde vivo, nos arredores de Brasília, Distrito Federal, e me trouxeram, e plantamos, uma muda da babosa companheira de minha vó Rosa. Nos dias de sua visita, meu pai encontrou vários pés de Canela de Perdiz próximos à minha casa.

Há alguns anos, meus pais repetem que a planta é o que eu preciso para cuidar de recorrentes inflamações na pele e, diante do achado, lembrei-me do ensinamento repassado por minhas interlocutoras em suas oficinas: “se nasce no seu quintal, é porque você vai precisar”. Durante esse tempo juntos em minha casa, aprendi com meu pai e minha mãe a coletar a planta e a preparar o *remédio caseiro*, conforme ilustro a seguir.

**Figura 2** – Coleta e preparo de chá de Canela de Perdiz



Fonte: Fotos minhas, 2024.

“Tire 3 ramos com um pedaço pequeno da raiz (a força está na raiz), mas não tire toda a raiz (a força está na raiz). Coloque os ramos para secar na sombra, ao longo de 3 semanas, porque você vai precisar para fazer um chá.”

<sup>10</sup> Aqui eu opto por usar o feminino “doutoras raiz” seguindo as notas de tradução do texto publicado, em 2021, na Revista Ayé, que indicam que boa parte das receitas compartilhadas por Zora eram de mulheres (Hurston, 2021).

Assim, meu pai me ensinou a receita de minha avó, preparo que agora faz parte da minha rotina de cuidados com a saúde. Logo que meus pais foram embora, as formigas cortaram a babosa que plantamos, mas deixaram a raiz. Ao receber a notícia do feito das formigas, e em consonância com o trecho de Povinelli (2023) a seguir, meus pais consideraram o “pensamento” de “outras formas de existência” do Cerrado e disseram: “está tudo bem, as formigas também sabem que a força está na raiz”.

Outras formas de existência podem não pensar como pensam os humanos, isto é, não apreender por meio das formas semióticas da cognição humana (categorias e razão). Mas isso não quer dizer que elas não pensem. Significa que devemos pensar sobre o pensamento de outro modo (Povinelli, 2023: 132).

De forma análoga, a relação com outros existentes (Povinelli, 2021) no Cerrado está presente no significado de raizeiras que a Tatinha me apresentou, a seguir.

É cuidar da natureza, proteger a natureza, e transformar ela em medicina. Ser raizeira é ter respeito com a natureza. Quem coleta aleatoriamente não é uma raizeira, não é o nosso caso. A gente cuida da natureza e também usufrui dela (Tatinha, 2024).

Seguindo a fala da professora Elizabeth Povinelli, ao longo dos dias de seminário, e reforçando a palavra mencionada por Tatinha, entendo que o trecho acima descreve uma relação de *respeito*. Na tese de doutorado da pesquisadora Sabrina D’Almeida (2018), a raizeira Lucely descreve esse *respeito* com exemplos como: “pedir licença” e “pedir permissão para coletar”. Essa relação de *respeito* é importante para descrever as práticas das raizeiras: “quem coleta aleatoriamente não é raizeira”, explicou Tatinha. E, nesse sentido, *respeito* também pode ser interpretado como o reconhecimento do poder dos existentes (“a força está na raiz”, como meus pais repetem e como mencionam que “as formigas sabem”) e a noção de limite, de perigo (“não tire toda a raiz”, alertou o meu pai).

Essa relação de *respeito* é central no exercício do ofício das raizeiras do Cerrado e pode ser pensada como manifestação de uma “ética do cuidado” (Mol *et al.*, 2024) com as pessoas e com o bioma. Isso porque o manejo das “raízes” pelas raizeiras é um exemplo da agricultura familiar sustentável, que pode ser entendida como “prática de cuidado” (Mol *et al.*, 2024), uma vez que potencializa as relações com as roças, com as plantas, com as águas, com os animais (Guimarães *et al.*, 2023). Assim, segundo Guimarães *et al.* (2023) e em conformidade com o pensamento das interlocutoras, existe um ciclo virtuoso em que as raizeiras cuidam da vida plena das pessoas enquanto cuidam do Cerrado e dele retiram insumos para cuidar das pessoas.



O *respeito* e o cuidado são definidores dessas “mulheres cerradeiras” (Agricola, 2019) que, vivendo na área rural ou nas cidades, mantém em suas atividades diárias o que lhes foi ensinado no Cerrado. Ou seja, a partir de seu pensamento de “corpo-território”, que situa o território e o comunitário como essenciais para seu modo de vida (Cruz Hernandez, 2017), elas estabelecem uma relação de co-responsabilidade com o bioma. Tal co-responsabilidade é mencionada por Dias *et al.* (2020), por meio da expressão “viver-Cerrado” que descreve a relação de via dupla na qual as “mulheres cerradeiras” transformam o Cerrado e são, ao mesmo tempo, transformadas pelo bioma num sistema complexo de pensar-saber-fazer (Dias *et al.*, 2020).

Retomando, o Cerrado é uma floresta invertida e suas raízes são fundamentais para as várias existências no território (Pires, 2019), uma vez que armazenam e protegem água e nutrientes vitais, principalmente, nos períodos de seca que marcam o bioma. Por isso, penso que conhecer que “a força está nas raízes” é uma “habilidade interpretativa” (Povinelli, 2023) de existentes que sabem “das coisas, do lugar, das outras coisas no lugar” (Povinelli, 2023: 99). Ou, em termos de Ferraz de Lima (2022), manejar as raízes com respeito é uma “prática de cuidado” que exemplifica como povos e comunidades tradicionais andam pelo Cerrado, o conhecem e, portanto, protegem o bioma. Assim fazem as raizeiras que, ao cuidarem das raízes de “raízes” que coletam, operam para que o Cerrado continue em pé. Nessa medida, a relação de *respeito* e co-responsabilidade entre tais existentes pode ser interpretada como um “dever mutuamente corporificado”, isto é, como “esforços permanentes de atenção” (Povinelli, 2023: 126).

Em conclusão, penso que a denominação raizeiras, e que o reconhecimento dessa identidade, é fundamental para as minhas interlocutoras, porque as raízes do Cerrado são centrais na relação raizeiras-Cerrado e para a categorização do seu ofício. Dito de outra forma, as raizeiras do Cerrado criam as raízes do bioma. Isso se dá uma vez que a interpretação compartilhada de que “a força está na raiz” é uma base importante do pensamento das raizeiras “cerradeiras”, como também do seu conhecimento que é gerado e transmitido na relação com o próprio território e suas existências. Tal interpretação é a base do “dever mutuamente corporificado” (Povinelli, 2023) de manejar as raízes com cuidado, nutrindo uma relação de *respeito* (Povinelli, 2024) entre as raizeiras e outros existentes no Cerrado, todos emaranhados pela vida.

## Referências

- ACOSTA, A. 2016. *O Bem Viver: uma oportunidade para imaginar outros mundos*. São Paulo: Editora Elefante.
- AGUIAR, D.; LOPES, H. 2020. *Saberes do povo do cerrado e biodiversidade*. Rio de Janeiro: ActionAid Brasil.

- AGRICOLA, J. M. A. *Mulheres cerradeiras: conhecimentos, tradições e resistências*. 2019. Tese (Doutorado em Geografia) – Universidade Federal de Jataí, Jataí.
- CARNEIRO DA CUNHA, M. 2009. *Cultura com aspas e outros ensaios*. São Paulo: Cosac & Naify.
- CARVALHO, J. J.; VIANNA, L. C. R. 2020. O encontro de saberes nas universidades. *Revista Mundaú*, 9: 23-49.  
<https://doi.org/10.28998/rm.2020.n.9.11128>
- CRUZ HERNÁNDEZ, D. T. 2017. Una mirada muy otra a los territorios-Cuerpos femeninos. *SOLAR, Revista de Filosofía Iberoamericana*, 12 (12-1): 56-71.
- D'ALMEIDA, S. S. 2018. "*Guardiãs das folhas*": mobilização identitária de raizeiras do Cerrado e a autorregulação do ofício. Tese (Doutorado em Antropologia) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- DIAS, J. E.; LAUREANO, L. C. (org.). 2009. *Farmacopeia Popular do Cerrado*. Goiás: Articulação Pacari.
- DIAS, J. E.; LAUREANO, L. C. (org.). 2014. *Protocolo comunitário biocultural das raizeiras do Cerrado: direito consuetudinário de praticar a medicina tradicional*. Turmalina: Articulação Pacari.
- DIAS, L. O.; FREIRE, R. M. F. 2020. Mulheres em movimento e expressões na construção do viver-Cerrado. *Élisée, Rev. Geo.* 9 (2): 1-22.
- FERRAZ DE LIMA, J. S. *Reparar as cores: etnografia do cerrado junto às mulheres no sertão das veredas*. 2022. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Universidade Federal de São Carlos, São Carlos.
- FLEISCHER, S.; SAUTCHUK, C. E. (org.). 2012. *Anatomias populares: a antropologia médica de Martín Ibañez-Novion*. Brasília: Editora Universidade de Brasília.
- GONZALEZ, L. 2018. *Primavera para as rosas negras*. São Paulo: UCPA Editora.
- GUIMARÃES, S. M. F.; MAUÉS, C.; FONSECA, C.; FONSECA, J.; ROCHA, W.; PASSOLD, S.; SANTOS, R. 2023. Terapeutas Populares ou Tradicionais e o cuidado com as pessoas e o Cerrado: ações de extensão. *Revista Participação*, 40: 146-158.
- HARAWAY, D. 2016. *Staying with the trouble: making kin in the Chthulucene*. Durham: Duke University Press.
- HURSTON, Z. N. 2021. Prescrições de Doutores Raiz. *Ayé Revista de Antropologia*, (ed. esp. FIRE!!! Textos escolhidos de Zora Neale Hurston).  
<https://revistas.unilab.edu.br/index.php/Antropologia/article/view/650>.

- MOL, A.; MOSER, I.; POLS, J. 2024. Cuidado – Colocando a prática na teoria. *Revista Novos Debates*, 9(1): e9101. <https://doi.org/10.48006/2358-0097/V9N1.E9101>.
- NATHAN, T.; STENGERS, I. 2018. *Doctors and healers*. Cambridge: Polity Press.
- OLIVEIRA, J. C.; AMOROSO, M.; LIMA, A. G. M.; SHIRATORI, K.; MARRAS, S.; EMPERAIRE, L. (orgs.). 2020. *Vozes vegetais: diversidade, resistências e histórias da floresta*. São Paulo: Ubu Editora.
- PIRES, C. 2019. Patrimônio (in)visível. *Revista Darcy – Revista de Jornalismo Científico e Cultural da Universidade de Brasília*, 21: 10-17. <https://revistadarcy.unb.br/edicao-n-21/dossie/225-patrimonio-in-visivel>.
- POVINELLI, E. A. 2021. *Between Gaia and Ground: four axioms of existence and the ancestral catastrophe of late liberalism*. Durham: Duke University Press.
- POVINELLI, E. A. 2023. *Geontologias: um réquiem para o liberalismo tardio*. Trad.: Mariana Ruggieri. São Paulo: Ubu Editora.
- STENGERS, I. 2002. *A invenção das ciências modernas*. São Paulo: Ed. 34.
- TOLEDO, Vi. M.; BARRERA-BASSOLS, N. 2015. *A Memória Biocultural: a importância ecológica das sabedorias tradicionais*. São Paulo: Editora Expressão Popular.
- TSING, A. L. 2019. *Viver nas ruínas: paisagens multi espécies no antropoceno*. Brasília: IEB Mil Folhas.